

ESPORTES

correiobraziliense.com.br/esportes - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176



Convocados em 2022 e mantidos em 2026, Alisson, Ederson e Weverton vão repetir o feito da geração bicampeã em 1958 e 1962. Nas primeiras conquistas, Seleção foi defendida por Gilmar e Castilho

Agarraram a CONTINUIDADE

DANILO QUEIROZ

A repetição de convocados entre uma Copa do Mundo e outra não se trata de algo incomum. No Mundial de 2026, por exemplo, a Seleção Brasileira terá uma herança de 15 nomes presentes também na edição de 2022. No entanto, uma posição específica atravessou o ciclo de quatro anos intacta e carregando bons presságios históricos. Pela segunda vez na trajetória do torneio da Fifa, o Brasil será representado exatamente pelos mesmos três goleiros da disputa anterior. Assim como no Catar, Alisson, Ederson e Weverton defenderão a meta verde e amarela na busca pelo hexacampeonato. O feito repete algo visto apenas na era do bicampeonato mundial de 1958 e 1962, com os históricos Gilmar e Castilho.

Inicialmente, a manutenção das peças entre uma Copa e outra é indício de confiança. Mas a presença de Alisson, Ederson e Weverton na lista final de convocados, anunciada por Carlo Ancelotti na última segunda-feira, no Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro, entrou em cena muito mais com cara de surpresa. Mesmo atravessando fases instáveis por lesão e falta de sequência, Alisson e Ederson, de fato, ostentaram status de intocáveis durante o tumultuado ciclo de quatro anos da Seleção Brasileira. Antes carta fora do baralho, Weverton ganhou fôlego na reta final. No fim, pesou a confiança, mesmo fator preponderante na manutenção dos goleiros nas Copas da Suécia e do Chile.

Naquele período, o futebol brasileiro ainda consolidava a fama de país do futebol. Em 1958, na campanha do primeiro título da Seleção Brasileira, na Suécia, o técnico Vicente Feola convocou Gilmar e Castilho para a posição. Titular absoluto nas seis partidas da conquista, Gilmar virou símbolo da segurança defensiva brasileira no torneio. Com ele, o Brasil sofreu apenas quatro gols: dois da França na semifinal e dois dos suecos na decisão. Mesmo sem entrar em campo, Castilho também construiu status de confiança na equipe. Ex-arqueiro, Aymoré Moreira dirigiu o Brasil na campanha do bicampeonato e não titubeou. Mesmo com pressão para levar Manga, optou pela manutenção da base experiente. Gilmar chegou ao Mundial de 1962 com 31 anos. Castilho estava com 34.

Nas Copas seguintes, porém, a continuidade deixou de existir. Em 1966, Gilmar ainda permaneceu no grupo, mas já acompanhado por Manga. No tricampeonato de 1970, no México, a Seleção teve Félix, Ado e Emerson Leão. Apenas Leão ganhou nova oportunidade em 1974. A partir dali, a rotatividade passou a virar marca registrada da posição na equipe nacional. No tetra de 1994, por exemplo, Taffarel era remanescente do Mundial anterior, mas acompanhado por Zetti e Gilmar Rinaldi, nomes diferentes dos parceiros Acácio e Zé Carlos, presentes em 1990. Em 2002, ano do pentacampeonato e do último título brasileiro, o trio voltou a mudar. Marcos e Rogério Ceni disputaram o torneio pela primeira vez, enquanto Dida apareceu como herança da campanha de 1998.

Lucas Figueiredo/CBF



Ederson, Weverton e Alisson: trio repetirá feito de Gilmar e Castilho ao jogar junto duas Copas do Mundo consecutivas sem alteração nos escolhidos para o gol

Divulgação/Fluminense



Castilho

Ídolo do Fluminense, Castilho defendeu a Seleção Brasileira em quatro Copas do Mundo a partir de 1950. Mesmo reserva nos títulos de 1958 e 1962, utilizou o status de confiança construído na titularidade de 1954.

Divulgação/Santos



Gilmar

Bicampeão mundial, defendeu as traves do Brasil nas conquistas de 1958 e 1962. Além delas, defendeu o país em uma terceira Copa do Mundo, em 1966. Chegou aos Mundiais como atleta de Corinthians e Santos.

Já em 2006, Júlio César assumiu a reserva de Dida e impediu novamente qualquer repetição integral. O goleiro revelado pelo Flamengo seguiu nos Mundiais de 2010 e 2014, mas sempre cercado por novos companheiros na posição. Em 2018, na Rússia, surgiu o primeiro ensaio da manutenção atual. Alisson e Ederson participaram juntos da Copa pela primeira vez, acompanhados de Cássio. No Catar, em 2022, a dupla permaneceu no grupo e ganhou a companhia de Weverton. Até a reta final do atual ciclo de 2026, no entanto, a repetição do feito de 1958 e 1962 ainda parecia improvável.

Ascensão de Weverton

Enquanto Alisson e Ederson carregavam consolidação absoluta dentro da Seleção Brasileira, Weverton havia perdido espaço recentemente no radar da comissão técnica. Com Ancelotti, a disputa pela terceira vaga parecia concentrada principalmente entre Bento e Hugo Souza. O cenário mudou justamente nas semanas finais antes da convocação definitiva. A oscilação de Bento e a falta de afirmação de Hugo Souza recolocaram o goleiro do Grêmio na disputa de maneira inesperada. Experiente e acostumado ao ambiente de grandes competições, ele acabou "furando a fila" e garantindo novamente espaço na lista final.

Tal qual Aymoré Moreira em 1962, Carlo Ancelotti utilizou-se do fator maturidade para justificar a escolha dos três goleiros da Seleção Brasileira para a Copa do Mundo de 2026. "Algumas posições, como a dos goleiros, temos privilegiado um pouco mais

a experiência neste nível. Por isso, também chamamos o Weverton, porque são jogadores de experiência, que não precisamos testar", justificou o treinador italiano. O goleiro do Grêmio, inclusive, não foi chamado por Carletto em nenhuma convocação do ciclo de um ano à frente da equipe verde-amarela. "Sabemos o valor e o poder da competição, porque eles estão acostumados com essa sensação", acrescentou.

A manutenção do trio ajuda também a traduzir uma das características mais sólidas do atual ciclo da Seleção Brasileira: a estabilidade construída justamente no setor mais sensível do campo. Enquanto laterais, meio-campistas e atacantes atravessaram mudanças frequentes ao longo dos últimos quatro anos, o gol permaneceu como território de confiança absoluta para diferentes treinadores. Ramon Menezes, Fernando Diniz, Dorival Júnior e Carlo Ancelotti preservaram a espinha dorsal da posição praticamente intacta até a Copa. Na preparação, apenas Alisson, Bento, Ederson, Hugo Souza e Weverton acumularam minutos de teste na posição.

O simbolismo histórico ainda amplia o peso da coincidência. As campanhas mais vitoriosas da Seleção Brasileira em Mundiais sempre caminharam lado a lado com a consolidação de grandes goleiros. Gilmar virou peça central no bicampeonato. Taffarel eternizou-se no tetra. Marcos protagonizou defesas decisivas no penta. Agora, Alisson, Ederson e Weverton chegam aos Estados Unidos, ao México e ao Canadá tentando transformar a rara continuidade em um novo presságio favorável para o sonho do hexacampeonato.

Os goleiros das Copas

1930: Joel e Velloso
1934: Germano e Roberto Gomes Pedrosa
1938: Walter e Batatais
1950: Barbosa e Castilho
1954: Castilho, Veludo e Cabeção
1958: Castilho e Gilmar
1962: Castilho e Gilmar
1966: Gilmar e Manga
1970: Félix, Ado e Emerson Leão
1974: Emerson Leão, Renato e Waldir Peres
1978: Emerson Leão, Carlos e Waldir Peres
1982: Waldir Peres, Paulo Sérgio e Carlos

1986: Carlos, Paulo Víctor e Emerson Leão
1990: Taffarel, Acácio e Zé Carlos
1994: Taffarel, Zetti e Gilmar Rinaldi
1998: Taffarel, Carlos Germano e Dida
2002: Marcos, Dida e Rogério Ceni
2006: Dida, Rogério Ceni e Júlio César
2010: Júlio César, Gomes e Doni
2014: Júlio César, Jefferson e Victor
2018: Alisson, Ederson e Cássio
2022: Alisson, Ederson e Weverton
2026: Alisson, Ederson e Weverton